

OPINIÃO SOCIALISTA



R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial



FOME, DESEMPREGO E CARESTIA

ENQUANTO ISSO, GOVERNO E OPOSIÇÃO DISPUTAM APOIO DO 0,1% DE SUPER-RICOS



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATERIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

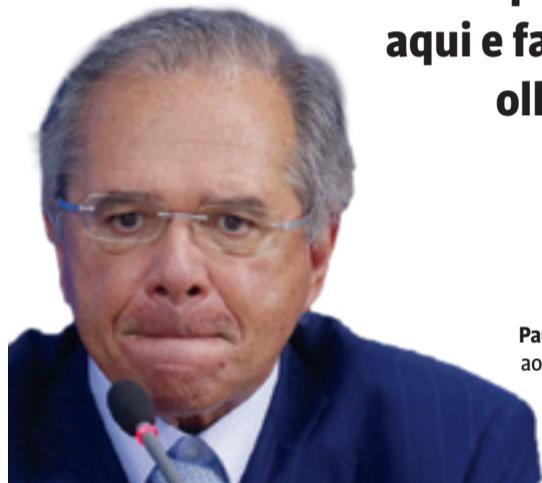
páginadois

CHARGE

UBER CONFORT



“ Você pode ser perseguido por um vizinho, assaltado por um vizinho. Não posso chegar aqui e falar: ‘Brasil, olha tudo que eu tenho’.



Paulo Guedes, respondendo aos parlamentares o motivo de sua recusa a detalhar ganhos com offshores (paraísos fiscais).

PRÉ-VENDA ATÉ 3/12



(11) 9.8649.5443 – www.editorasundermann.com.br



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann. CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)
REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido
DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp
IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

INDENIZAÇÃO AO CRIMINOSO

Major que sumiu com Amarildo vai receber R\$ 30 mil

O major PM Edson Santos, condenado pela morte do pedreiro Amarildo de Souza em julho de 2013 na Rocinha, no Rio de Janeiro, vai receber uma indenização do estado de mais de R\$ 30 mil por serviços prestados enquanto estava preso. A sentença foi publicada em 6 de outubro, assinada pela juíza Renata de Lima Machado, do 3º Juizado Especial Fazendário. O major foi condenado em 2016 a 13 anos pela tortura e morte de Amarildo. Desde o final de 2019 estava em prisão domiciliar e foi reintegrado à corporação em janeiro deste ano. Na época do crime, o major



era o comandante da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da comunidade. Em 2016, ele e outros 12 PMs da UPP Rocinha foram condenados pe-

los crimes de tortura seguida de morte, ocultação de cadáver e fraude processual. Até hoje o corpo de Amarildo não foi encontrado.

BOLSONARO: “EU GOSTARIA TAMBÉM”

Bolsonarista cita Hitler como exemplo para educação

Quando comentava sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Bolsonaro foi questionado no chiqueirinho do Alvorada por um apoiador sobre a possibilidade de implantação de um modelo educacional nos moldes do adotado por Adolf Hitler na Alemanha nazista. A pergunta foi bem clara: “Presidente, quando a história, né, de Hitler, a gente via muito a questão que ele começou com as crianças. No caso, o senhor acha que o nosso Ministério da Educação já poderia estar também fazendo um trabalho com as crianças para a gente voltar, retomar, né, a consciência, a conscientização?”



Apesar da pergunta chocante, Bolsonaro tratou a sugestão de adoção do modelo nazista de Hitler como natural. “Você não consegue, tem ministério que é um transatlântico. Não dá pra

dar um cavalo de pau. Eu gostaria de botar também educação moral e cívica, um montão de coisa, coisas boas”, afirmou Bolsonaro, naturalizando a exaltação a Hitler.



0,1% de super-ricos que mandam no país debocham da miséria social

A inauguração de uma réplica do famoso touro de Wall Street (centro financeiro de Nova York) em plena região central de São Paulo, na B3 (antiga Bovespa), é a expressão mais perfeita do escárnio com que a burguesia e os banqueiros tratam a população, em meio a mais grave crise econômica e social de nossa história.

O monumento pintado de ouro numa das áreas mais degradadas da cidade deveria mostrar a suposta pujança da economia, mas acabou simbolizando a brutal desigualdade, num país em que o povo sofre com um desemprego recorde, inflação galopante e consequente queda da renda (de 10%, na população em geral, e de 20%, dentre os mais pobres). Números de uma verdadeira catástrofe. É o país das filas por ossos, dos pés de galinha inflacionados nos supermercados, das famílias buscando por alimentos no lixo.

Do outro lado, no pico da pandemia, 42 novos bilionários brasileiros entraram na lista dos super-ricos da revista Forbes, juntando-se ao seleto grupo de 315 bilionários do país que, juntos, acumulam uma fortuna de R\$ 1,9 trilhão. Mais de 22 vezes o total do valor do Auxílio Brasil, o Bolsa Família turbinado de Bolsonaro, que será pago até as eleições de 2022.

Auxílio este que o governo concederá a menos pessoas do que antes, sem garantia de que irá para além de 2022, e, ainda assim, está sendo implementado à custa do calote em pensionistas e aposentados, através da PEC dos Precatórios, além de ataques como a Reforma Administrativa, cortes nos serviços públicos e uma nova Reforma Trabalhista.

Enquanto fechávamos esta edição, acabava de ocorrer mais uma chacina no Rio



Foto: Paulo Pinto / fotospublicas

de Janeiro, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo. Mais uma chacina sob a justificativa do “combate às drogas” e que esconde, por trás, a ação de milícias na disputa por áreas e a política de genocídio da juventude negra. Mais cenas de barbárie em um país em franco processo de destruição, entrega e recolonização.

O PAPEL DAS DIREÇÕES DO PT, DO PSOL E DAS MAIORES CENTRAIS

Vivemos, hoje, uma grande contradição: o aprofundamento da crise, dentre os “de baixo”; um rechaço cada vez maior ao governo; uma burguesia dividida (senão nos ataques, em relação à perspectiva eleitoral); e, nas ruas, a ausência de mobilizações à altura da crise e do descontentamento social.

Isso porque as direções majoritárias da oposição e dos movimentos, com o PT à frente, num primeiro momento (quando as manifestações estavam em crescimento), se recusaram a potencializar os protestos rumo à construção de uma Greve Geral, tal como aponta a CSP-Conlutas.

Geral; e, agora, simplesmente seguram as mobilizações. Foi o que vimos no desmonte do 15 de novembro e na parca convocação para os atos do Dia da Consciência Negra, no dia 20.

O PT, assim como toda a oposição parlamentar e as direções do movimento, não quer derrubar Bolsonaro pela força das lutas; mas, sim, jogar o jogo eleitoral de 2022, com um programa de conciliação de classes e de unidade com a burguesia na qual cabe até mesmo Geraldo Alckmin. E isto para assegurar aos 0,1% de super-ricos que eles continuarão mandando no país, sem que esse sistema de opressão e exploração seja sequer questionado. A direção do PSOL indica que capitulará a essa alternativa.

É preciso organizar a classe trabalhadora para responder a esses dois desafios: retomar a mobilização contra a fome e na defesa de emprego, salário, terra, moradia e direitos e pelo “Fora Bolsonaro”, massificando os protestos rumo à construção de uma Greve Geral, tal como aponta a CSP-Conlutas.

Este é o único caminho para lutar pela retomada do auxílio-emergencial, com um salário mínimo enquanto durar a crise; pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários; e por um plano de obras públicas que, de uma só vez, absorva parte dos desempregados e enfrente problemas como o saneamento básico e o déficit habitacional.

Ao mesmo tempo, é preciso reverter as reformas Trabalhista e Previdenciária, defendendo os servidores e os serviços públicos, assim como o meio ambiente, os indígenas, quilombolas e os direitos dos negros(as), mulheres e LGBTIs.

PRECISAMOS DE UM PROJETO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

Um plano assim é possível! Basta defender a soberania do país e atacar os lucros e grandes propriedades dos super-ricos e bilionários, nacionais e internacionais, que nos exploram, oprimem e roubam o país e suas riquezas.

Não tirando dinheiro dos pobres e remediados, como faz Bolsonaro para seu programa eleitoreiro. Mas taxando as fortunas dos super-ricos, impondo um imposto progressivo que onere os bilionários e desonere os pobres e a classe média. Parando de pagar a dívida pública aos banqueiros e proibindo as remessas de lucro para fora. Parando as privatizações e reestatizando empresas como a Vale e a Petrobrás, fazendo com que atuem de acordo com os interesses da população e não para um punhado de banqueiros, fundos de investimentos e especuladores internacionais e nacionais.

O segundo desafio é o de apresentar uma alternativa independente dos trabalhadores e socialista, tanto nas lutas quanto nas eleições. Não podemos deixar a classe à mercê do projeto autoritário de Bolsonaro ou da sua variante ultraliberal e reacionária “mais educada”, Sérgio Moro. Ou qualquer nome da chamada “terceira via”.

Como também não podemos aceitar o programa do PT e Alckmin, que nada mais é que a manutenção desse sistema de exploração e opressão dos 0,1% de super-ricos, que vigora no Brasil. Esse nosso país que, fundado sobre o genocídio indígena e 380 anos de escravidão, em 521 anos de história, não tem o que comemorar.

Precisamos de um projeto socialista e revolucionário, que aponte para uma revolução social e um governo dos trabalhadores, para que não haja fome e pobreza, enquanto sustentamos os privilégios de 0,1% de bilionários que vivem à custa da exploração dos trabalhadores e da rapina do país.

ELEIÇÕES

Lula e Alckmin: muito além da chapa presidencial

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Se Alckmin será mesmo vice de Lula, ninguém sabe. Mas, o fato é que ambos trocaram afagos nas últimas semanas. Diante da repercussão Lula não negou. Pelo contrário. “Tenho profundo respeito pelo Alckmin. Eu não estou discutindo vice ainda, porque não discuti a minha candidatura. Quando eu decidir ser candidato, eu vou sair a campo para procurar alguém para ser vice”, declarou o petista, no dia 15 de novembro.

O que pode nos levar à conclusão de que, hoje, essa possibilidade, aparentemente, depende somente de Alckmin, porque, da parte de Lula, o convite já está feito. Algo reforçado na mesma entrevista, ao ser indagado sobre o que acha do tuca: “Eu fui presidente quando ele foi governador. Nós conversamos muito. Não há nada que aconteceu entre eu e o Alckmin que não possa ser reconciliado”.

Para completar a troca de agrados, no dia 12, Alckmin, por sua vez, disse “não ter diferenças intransponíveis com Lula e que fica honrado com a sugestão para ser seu vice”.

COM OU SE ALCKMIN, LULA QUER UM BURGUÊS AO SEU LADO

Se a chapa vingar, será uma indicação importante dos rumos do PT. Não porque uma candidatura Lula sem Alckmin teria um programa de esquerda. Mas, porque esta escolha significaria uma guinada ainda maior na composição de chapa e de programa muito mais a direita do que o PT já construiu no passado.

Afinal, se, em 2002, vimos o Lula “paz e amor”, que durante seus governos falava que “os ricos nunca tinham ganhado tanto dinheiro” como em seu mandato, o que se avizinha, com a possibilidade de coligação com um quadro tradicional do PSDB, várias vezes governador do estado que concentra o grosso da burguesia, vai para muito além.

Mas, mesmo que a chapa não ocorra, isso não diminui a importância do movimento

que Lula e o PT vêm fazendo. Claro, Lula pode escolher um vice “menos pior” que Alckmin; mas isso não muda o fato de que essa aproximação existe.

E, também, não muda o fato de que Lula quer um vice com este perfil: um legítimo representante da burguesia. Pode ser que esta chapa com um representante central da burguesia e da direita paulista não aconteça e o PT tenha que buscar outros nomes nesse sentido. Mas, as palavras elogiosas de Lula para este senhor já foram ditas.

e, hoje, está totalmente isolado. No entanto, não se pode esconder que Lula foi ao encontro dos principais governos do imperialismo europeu que, apesar da pose e de se achar mais “esclarecido”, é tão perverso quanto o imperialismo estadounidense.

Aliás, Lula já disse que quer ser o “Biden brasileiro”. E é bom recordar que ele teve excelentes relações com Bush e Obama, em governos anteriores, e está evidente que, agora, quer ser o governo confiável não só para burguesia brasileira, mas também para o imperialismo

Naji Nahas, suposto proprietário do terreno. E, agora, para Lula, este é exatamente o “único tucano que gosta de pobre”, como defendeu o petista, no dia 5 de novembro, no portal da UOL.

A coisa é tão gritante que suas ligações com setores ultraconservadores começam pela Opus Dei (seita ultrareacionária da igreja católica). Enfim, ninguém pode negar que Alckmin seja a encarnação dos ricos, poderosos do país.

Lula por, sua vez, é tido como uma pessoa do povo, com

tudo, “moderação”. É isso que Lula vem buscando ao se aproximar de Alckmin.

Ao mesmo tempo, o aceno do ex-governador de São Paulo mostra a disposição de um setor importante da burguesia de ser fiador, novamente, de um governo Lula. Entre uma “terceira via” que não emplaca e um Bolsonaro descontrolado, a alternativa pode ser um Lula ultramoderado. E, com sua jogada, Lula quer acabar exatamente com a possibilidade de que o espaço para a “terceira via” se desenvolva.

Não se trata apenas de um cálculo eleitoral de Lula, baseado na crença de que, para vencer, é preciso ir, cada vez, mais à direita. Antes de tudo, Lula e o PT têm um acordo geral com a ideia de que qualquer medida, no Brasil, precisa estar nos marcos do capitalismo e da propriedade privada. E mais: que o governo deve atender aos interesses do empresariado. É esse acordo de Lula com os interesses dos ricos que possibilita esta discussão esteja acontecendo.

DERROTAR BOLSONARO É PRA JÁ

Na esquerda há muitos ativistas que veem em Lula uma alternativa para derrotar Bolsonaro e que foram pegos de surpresa por esta “bomba”. E, inclusive, algumas organizações que defendem a política de “Lula presidente” dizem que, com Alckmin, não dá. Mas, no geral, no PT o assunto é discutível, o que demonstra, mais uma vez, o nível de adaptação deste partido ao capitalismo.

O certo é que muito se fala da necessidade de derrotar Bolsonaro como explicação para esta aproximação. Mas a necessidade de derrotar Bolsonaro é para já!

E precisamos derrotar tudo o que seu governo significa: sua política econômica e social, as privatizações, o arrocho salarial, o aumento do custo de vida, as ameaças as liberdades democráticas etc. No fim, Lula pode até vencer Bolsonaro (com ou sem Alckmin), mas, em qualquer caso, a burguesia é que sairá ganhando.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3R8BFWD](https://bit.ly/3R8BFWD)**



FLERTANDO COM A BURGUESIA E O IMPERIALISMO

Lula está em franca campanha entre os mais diversos setores da burguesia para angariar aliados e definir seu programa. Ele quer uma chapa com toda a burguesia brasileira, dos bancos e do mercado financeiro, com empresários de todos os setores e representantes dos latifundiários e do agronegócio. Tudo isso, inclusive, com a benção do imperialismo. Ou seja, uma espécie de governo de unidade nacional anti-Bolsonaro.

O giro pela Europa significa o quê? Muitos petistas comemoraram a “recepção de estadista” que Lula teve na França. Bolsonaro é um pária internacional

LULA: UM CANDIDATO A SER- VIÇO DA “MODERAÇÃO”

O papel de Alckmin é indiscutível. Basta olharmos sua história e o que fez durante seus governos. Poderíamos citar os ataques aos direitos dos trabalhadores, as privatizações, a repressão policial, em junho de 2013, o projeto de desmanche da Educação ou a violenta reintegração de posse do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP).

Um episódio lamentavelmente revelador de quem é o possível vice de Lula. Afinal, foi Alckmin quem mandou a PM destruir os sonhos e as moradias de nove mil pessoas, em favor do especulador o

ligações com a burguesia. Mas não é um produto autêntico da elite brasileira, como Alckmin. O que não é discutível é que seus dois governos foram de manutenção e aprofundamento do capitalismo no Brasil.

As escolhas dessa aproximação são desejos pessoais dos dois políticos? Ou são expressões de uma necessidade das classes sociais em luta no Brasil, hoje?

A burguesia não tem dúvida de que a segunda alternativa é a correta. Existe uma necessidade e uma tentativa da burguesia, hoje, de montar um futuro governo que fuja da polarização entre Bolsonaro e Lula. A burguesia brasileira pede, antes de

Sergio Moro: um bolsonarismo nem tão esclarecido assim



JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Aburguesia brasileira está desesperada, tentando encontrar uma “terceira via” que fuja da polarização entre Bolsonaro e Lula. Sonham com uma candidatura de centro, moderada e que consiga dialogar com tudo e todos.

O problema é que não há ninguém que cumpra esse papel e, ao mesmo tempo, tenha algum apelo entre o povo. E, agora, embora não seja exatamente uma figura popular, jogaram algumas fichas em Sergio Moro. Embalado pela grande mídia como uma alternativa dos ricos e poderosos, o ex-juiz voltou dos Estados Unidos e já iniciou sua campanha para presidência.

O “INCORRUPTÍVEL” CORRUPTO

A principal imagem que quer passar é de ser o candidato “ético e anti-corrupção”. Mas, vale lembrar, quando era juiz, Moro conseguiu a façanha de ser corrupto no próprio processo em que julgava a corrupção de vários partidos. Protegeu uns, atacou direitos democráticos de outros e, no fim, longe da isenção que pregava, foi descoberto e, logo, vieram à tona várias das ilegalidades no processo que conduziu.

E, hoje, está filiado ao Pode-mos, um partido recheado de corruptos. Mas, o pior é que fez parte do governo Bolsonaro, que talvez tenha sido a coisa mais criminosa que aconteceu no país nos últimos anos.

Sua atual candidatura quer juntar os ex-bolsonaristas, que vão de Joice Hasselmann (PSL) ao MBL, passando por Luiz Miranda (DEM-DF). Apesar de ter saído do governo, o ex-juiz é tão reacionário quanto seu ex-chefe. Inclusive, já disse que não se arrependeu de ter sido ministro de Bolsonaro.

Os setores da direita que estão se distanciando de Bol-



sonaro não o fazem porque se arrependem das atrocidades que defenderam e fizeram. Ou seja, não romperam necessariamente com sua política. Seguem defendendo abertamente o aumento da exploração dos trabalhadores, continuam alimentando discursos e práticas machistas, racistas, LGBTIfóbicos e xenófobos, e se colocam ao lado do que há de pior no capitalismo, da subserviência aos EUA e ao imperialismo.

COMO BOLSONARO, MORO DEFENDE OS RICOS E PODEROSOS

Sua ligação com o empresariado, com os EUA e com os ricos e poderosos brasileiros é bastante conhecida. Seu projeto para o país foi rascunhado em uma entrevista na Rede Globo. É a velha baboseira neoliberal. O seu interlocutor econômico é Cesar Pastore, um economista que sempre defendeu o fim dos

direitos dos trabalhadores, a privatização da Petrobras e o fim da Previdência pública. Isto em 1983. Portanto, não tem nada de novo.

Neste sentido, é a exata continuidade do governo Bolsonaro e do projeto Paulo Guedes, de defesa intransigente dos interesses da burguesia brasileira e internacional. Assim como Guedes, que trabalhou com a ditadura de Pinochet, o guru de Moro também já participou de uma ditadura: foi presidente do Banco Central no governo João Figueiredo (1979-85), na Ditadura Militar.

DEFESA DE UM PROJETO AUTORITÁRIO

Comparado a Bolsonaro, Moro é visto “menos troglodita”. Mas, ao mesmo tempo, foi ele quem teve a capacidade de propor (e quase aprovar) a licença para matar para os policiais, como previa o “excludente de licitude”, embu-

tido em seu pacote anticrime. Ou, ainda, foram muitas suas declarações para enduzer a Lei Antiterrorismo, de 2016, mirando especialmente os movimentos sociais.

Como ministro, acionou e endossou decisões que permitiram o uso da Lei de Segurança Nacional (LSN) contra tudo e contra todos que criticavam Bolsonaro, incluindo uma festa punk, em Belém do Pará, que exibia cartazes considerados ofensivos ao presidente.

Por isso tudo, Moro embala o sonho de uma burguesia decadente que exige a presença de alguém forte, mas não tão ignorante e anti-ciência como Bolsonaro. Moro tenta dar um ar de “inteligência” ao projeto autoritário, elitista e violento original de Bolsonaro. Mas, não é à toa que estiveram juntos. Se, hoje, estão separados é mais pelo tamanho do desastre que foi o governo do

que, de fato, pela discordância com o rumo das coisas.

UM PERIGO QUE TAMBÉM PRECISA SER DERROTADO

Para recuperar a imagem da direita, Moro e os ex-bolsonaristas tentam se vender como uma “direita esclarecida” e racional. Os erros e atrocidades de Bolsonaro seriam, nesta fábula, apenas fruto da insanidade do presidente e não de seu projeto político perverso. O mesmo que estes senhores que, agora, clamam pela “terceira via” ajudaram a construir e levantar.

Para a burguesia, Moro representa a possibilidade de manter os rumos dos ataques aos trabalhadores e trabalhadoras, com um ar mais legítimo do que com Bolsonaro. Isso não o torna menos perigoso. Muito pelo contrário. É um perigo diferente, mas tão grave quanto, e que precisa ser derrotado.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3CKJIGW](https://bit.ly/3CKJIGW)**

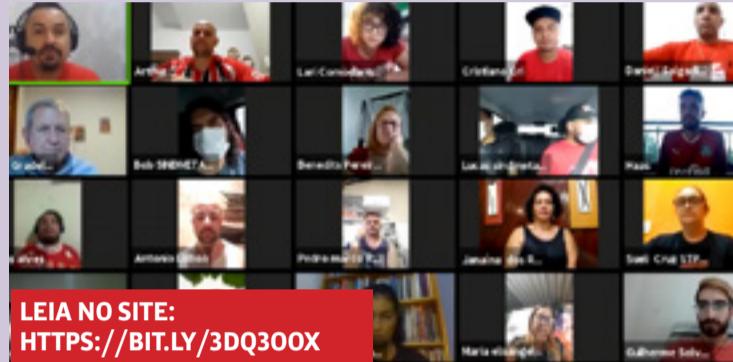
DEBATE

Polo Socialista e Revolucionário realiza plenárias pelo país

As plenárias do Polo começam a ser realizadas nas cidades e estados. Confira como foram algumas delas.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

 ANA CRISTINA, DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)



A plenária do Polo Socialista e Revolucionário em São José dos Campos, realizada no último dia 17, reuniu operários, estudantes, ativistas do movimento popular, servidores públicos, aposentados e ativistas de movimentos sociais. A atividade foi realizada de forma virtual, por cerca de duas horas.

Os participantes discutiram a atual conjuntura e as saídas necessárias para a defesa dos interesses da classe trabalhadora e dos setores oprimidos. Durante as falas, ficou evidente a compreensão comum de que

**LEIA NO SITE:
HTTP://BIT.LY/3DQ300X**

o capitalismo está levando a humanidade à barbárie e que é urgente que os trabalhadores e trabalhadoras construam uma alternativa classista, socialista e revolucionária.

Toninho Ferreira, presidente municipal do PSTU, iniciou as intervenções destacando que muitas organizações esqueceram o socialismo ou apenas fazem "saudação à ban-

deira", em dias de festa. "Isso num momento em que o capitalismo está nos levando a um beco sem saída. Estamos vendo a fome se alastrar, milhões de desempregados, uma brutal concentração de renda. Precisamos fazer propaganda e lutar pelo socialismo e pela revolução", afirmou.

Lari Comodaro, do movimento Rebeldia, destacou a

participação de trabalhadores e da juventude na plenária. "Ver a juventude unida aos operários para fortalecer o debate sobre o socialismo dá esperança. Esse é o caminho", disse.

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

Diante das opções que já estão sendo debatidas em relação às eleições 2022, vários participantes da plenária afirmaram que a classe trabalhadora não precisa, e não deve, se limitar às opções da ultradireita, da burguesia liberal ou de conciliação de classes e reformistas.

O trabalhador da GM e vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos Valmir Mariano

ressaltou que a necessidade da classe trabalhadora é tirar Bolsonaro, já, pois não dá para 2022, mas que não dá para cair numa armadilha. Já Ernesto Gradella, ex-deputado federal e militante histórico do PSTU, afirmou que não se deve ter ilusão alguma no parlamento e que só a luta direta pode garantir as reivindicações da classe.

"É possível uma proposta de governo que acabe com os privilégios de uma minoria de bilionários e redistribua a riqueza produzida pelos trabalhadores. Um programa que garanta saúde, educação, moradia e vida digna. Que reafirme que é possível e necessário construir um governo socialista", finalizou Gradella.

Rio de Janeiro - Do PSTU-RJ

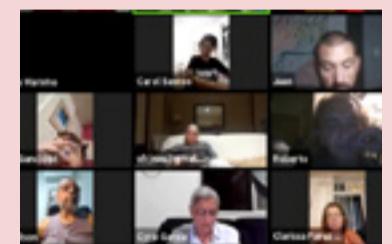
No Rio de Janeiro, a plenária de lançamento do Polo foi realizada no último dia 18 e contou com a participação de mais de 200 pessoas (via plataforma Zoom, com transmissão pelo Facebook do PSTU-Rio) de organi-

zações como PSTU, Movimento Revolucionário dos Trabalhadores (MRT), Iniciativa Socialista, Emancipação Socialista, Contrapoder e Política Revolucionária, além de ativistas independentes. A Corrente Socialista dos Traba-

lhadores (CST), do PSOL, fez uma saudação à iniciativa.

"Foi, sem sombra de dúvidas, um ótimo começo. Agora, precisamos dar sequência à construção do Polo Socialista e Revolucionário aqui no Rio de Janeiro,

na perspectiva da construção de uma alternativa socialista, com independência de classe, com um programa que aponte o fim das mazelas que o capitalismo impõe à nossa classe e à juventude", disse Cyro Garcia, do PSTU.



Rio Grande do Sul - Do PSTU-RS

A plenária de lançamento do Polo no Rio Grande do Sul aconteceu na terça-feira (23). A atividade on-line contou com a presença de cerca de 110 pessoas, dentre trabalhadores e trabalhadoras da educação, da saúde, dos Correios, agricultores,

comerciários, trabalhadores de aplicativos, bancários, trabalhadores do INSS, metalúrgicos, dentre outros, além da juventude secundarista e universitária.

Também marcaram presença organizações políticas como PSTU, Movimento de

Luta Socialista (MLS), Conselho Estadual de Delegacias Sindicais (CEDS), MRT, Comuna Pachamama e Agrupamento Tribuna Classista.

Daniela Maidana, militante do PSTU e ativista do Movimento Mulheres em Luta (MML), destacou que

"além de impulsionar as lutas da classe, não podemos perder de vista a necessidade de derrotar o capitalismo, lutar pelo socialismo e pela revolução".

Já Rejane Oliveira, do MLS e da Executiva Nacional da CSP-Conlutas, res-

altou a necessidade de avançarmos na construção do programa do Polo, de forma conjunta, respeitando a pluralidade de opiniões, e convidou a todos e todas se somarem, assinando o Manifesto e participando dos debates.

CALENDÁRIO DE PLENÁRIAS

SÃO PAULO

Dia 03/12 (sexta-feira), às 9h, na Sede dos Metroviários (Rua Serra de Japi, 31, Tatuapé);

BAHIA

Dia 04/12 (sábado), às 10h, on-line.

GOIÁS

Dia 05/12 (domingo), às 15h, on-line.

Leia e assine o Manifesto



Ainda não leu o Manifesto pela construção do Polo Socialista e Revolucionário? Entre, aí, no site e assine você também. Acesse: www.polosocialista.com.br

20 DE NOVEMBRO

Dia da Consciência Negra foi marcado por manifestações contra o racismo, a exploração e pelo “Fora Bolsonaro”

Manifestações em várias partes do país marcaram o 20 de Novembro. Se, neste ano, a data já contava com um significado importante, considerando as consequências da crise econômica, agravada pela pandemia, sobre a população negra, as mobilizações também levaram o grito de “Fora Bolsonaro” para as ruas. Organizações dos movimentos negros e de luta contra a opressão, entidades sindicais e movimentos sociais e populares foram às ruas exigindo o fim deste governo genocida, do racismo, da exploração, da fome e da opressão. Confira alguns dos principais atos

SÃO PAULO

Na capital paulista entidades do movimento negro e de mais movimentos de luta contra a opressão, partidos e sindicatos tomaram a Avenida Pau-

lado dos trabalhadores e trabalhadoras, das mulheres, das LGBTIs, indígenas, imigrantes.

No dia 21, rolou a Marcha da Periferia na Cidade Tiradentes, Zona Leste da capital.



lista. PSTU, Rebeldia e outras organizações que compõem o Polo Socialista e Revolucionário marcaram presença. “Nós não devemos nada ao capitalismo, o capitalismo nos deve tudo”, disse Vera, falando em nome do partido.

Vera ainda denunciou como a burguesia se utiliza das ideologias racistas para dividir a classe trabalhadora e a juventude e defendeu a organização da luta, com independência de classes, pelas reparações, o que, hoje, passa, pela derrubada de Bolsonaro e Mourão, já, mas precisa ir além: destruir o sistema capitalista para construir uma sociedade socialista, ao

RIO DE JANEIRO

A Marcha da Periferia aconteceu em Madureira e contou com a presença de organizações dos movimentos negros, sindicais e partidos de esquerda. “São os negros, da juventude, em sua maioria, envolvidos ou não com o trânsito, que são assassinados por



uma polícia que criminaliza a pobreza e que promove um verdadeiro genocídio do povo negro nas periferias”, denunciou Cyro Garcia, presidente do PSTU-RJ.

Pela manhã, o protesto do 20N tomou as escadarias da Câmara Municipal de Niterói, em protesto contra uma homenagem, por parte dos vereadores, ao capitão do mato que Bolsonaro instalou na Fundação Palmares, Sérgio Camargo.

MARANHÃO



dos movimentos sociais, culturais e políticos celebraram, com raça e classe, o Dia da Consciência Negra, defendendo a unificação dos “de baixo”, com independência de classe não só para derrubar Bolsonaro, Mourão e seu capitão do mato Sérgio Camargo; mas, também, para lutar



por uma sociedade onde os que produzam as riquezas governem, através dos conselhos populares.

PARÁ



Os trabalhadores (as) e a juventude também saíram às ruas de Belém (PA) para lutar, com raça e classe, contra o racismo, Bolsonaro, a fome, o desemprego e a miséria.

RIO GRANDE DO NORTE

Em Natal, ativistas dos movimentos negros, como o Quilombo Raça e Classe, sociais e políticos saíram às ruas para dizer em alto e bom som “Fora Bolsonaro e



Mourão, já! Nada de esperar por 2022” e denunciar o racismo, hoje, lamentavelmente simbolizado pela presença do capitão do mato Sérgio Camargo na Fundação Palmares. Os ativistas levaram cartazes com a imagem de “negros e negras que fizeram e fazem a História” e a militância do PSTU esteve lá, lembrando que pra acabar com o racismo e todas formas de opressão também é preciso destruir a exploração capitalista.

CEARÁ

Em Fortaleza, consciência negra e de classe marcharam pelas ruas da cidade, exigindo o fim da violência que atinge diretamente quem é vítima do racismo (como os assassinatos constantes), mas também das violências cotidianas do capitalismo, como o desemprego, a fome e a miséria. Fotos da página da CSP-Conlutas.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3R6RELB](https://bit.ly/3R6RELB)

CRISE

Ano termina, mas fome, desemprego e carestia vão continuar

DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO

O ano de 2021 está terminando e vivemos a antecipação do calendário eleitoral que virou prioridade absoluta para Bolsonaro, passando pela oposição de direita, como o PSDB de Dória e Eduardo Leite, por Sérgio Moro (recém-filiado ao Podemos) e chegando ao PT de Lula, acompanhado pelo PSOL.

Mas a inflação, a carestia e o desemprego estão longe de acabar. Pelo contrário, as perspectivas só pioram. O próprio governo admite que, no próximo ano, a inflação deve conti-

nuar subindo ou, na melhor das hipóteses, irá desacelerar com os preços nas alturas, incluindo, aí, o custo dos alimentos, da gasolina, do gás de cozinha e da energia elétrica.

A expectativa em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), por



sua vez, vem sofrendo sucessivas revisões para baixo, devendo crescer 4,80% este ano, apenas recuperando a queda de 4,1% do ano passado, quando já partíamos de um patamar muito baixo e havia auxílio-emergencial de R\$ 600 para

67 milhões de pessoas. Para o próximo ano, as análises mais otimistas preveem estagnação ou, mesmo, recessão.

PERSPECTIVAS SOMBRIAS

Sem o auxílio-emergencial, extinto pelo governo Bolsonaro e que deixa algo como 22 milhões à míngua, sem emprego e com uma precarização cada vez maior do mercado de trabalho, as cenas das filas por ossos e de famílias buscando alimento no lixo devem se repetir em 2022.

As perspectivas sombrias, porém, não se restringem ao próximo ano. Segundo levantamento do economista Bráulio Borges, da Fundação Getúlio Vargas (FGV),

o país deve amargar desemprego alto pelo menos até 2026. Só aí voltaríamos a ter 10% de desemprego, quando hoje, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua registra 13,2%.

Ainda que esses números escondam boa parte do desemprego de fato (o Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos, Ilaese, por exemplo, calcula que a taxa de pessoas sem emprego, em 2020, era de 27,87%), eles indicam uma tendência: uma década inteira de desemprego em massa.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3101ZDX](https://bit.ly/3101ZDX)

FORA BOLSONARO E MOURÃO

Bolsonaro se enfraquece, mas continua atacando e na disputa pela reeleição

Na esteira dessa crise, a rejeição ao governo Bolsonaro continua subindo, chegando a 64%, segundo levantamento da XP/Ipespe (instituto ligado ao mercado financeiro), no início de novembro. Mas segue com uma significativa base de apoio ligada a setores da ultradireita e a corporações como a Polícia Militar, totalizando pouco mais de 20%. Insuficiente, ainda, para ganhar as eleições, mas o bastante para se manter no jogo e na disputa de um lugar no segundo turno.

Para isso, Bolsonaro entregou o governo ao Centrão, dando a Arthur Lira (Progressistas-AL) a chave do cofre do Orçamento, incluindo os R\$ 16,8 bilhões das emendas secretas para comprar apoio e votos de parlamentares.

E, agora, tenta aprovar, no Senado, a PEC dos Precatórios,

medida que, junto à mudança do teto dos gastos, libera R\$ 106 bilhões para turbinar ainda mais essas emendas, implementar o Auxílio Brasil, de R\$ 400, até o final de 2022 e prorrogar a desoneração da folha de pagamentos para empresários de 17 setores, por mais 2 anos (ao custo de R\$ 15 bilhões).

CALOTE E MAIS ATAQUES

A grana viria do calote dos precatórios; ou seja, as dívidas de ações judiciais contra a União já julgadas. Ao contrário do que diz Bolsonaro, a medida vai afetar aposentados, pensionistas e servidores públicos, a maior parte dos credores dos chamados “precatórios alimentares”.

Isso porque o total das dívidas que teriam prioridade e quem incluem o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (Fundef/Fundeb), os pre-

catórios de menor valor (até 60 salários mínimos) e os precatórios alimentares de grupos prioritários (idosos com mais de 60 anos, com doenças graves ou deficiência, de até 180 salários mínimos), já ultrapassam R\$ 47,2 bilhões. Mais do que o limite do pagamento de R\$ 45 bilhões da PEC do Calote, em 2022.

Ao mesmo tempo, o governo tenta ressuscitar a Reforma Trabalhista, derrotada no Senado, através da MP 1045. Quer com isso retomar os principais pontos da “carteira verde e amarela”; ou seja, modalidades de

contrato de trabalho sem direitos básicos da CLT, como 13º salário e férias, institucionalizando o trabalho precário. Desta vez, ao invés de uma Medida Provisória, a Reforma viria do próprio Congresso, através de um Projeto de Lei.

Resumindo: o governo Bolsonaro ataca o conjunto da classe trabalhadora, dá o calote em servidores, pensionistas e aposentados, ao mesmo tempo em que concede isenção bilionária aos empresários e turbina as emendas secretas. Prolongue no ataque aos servidores e serviços pú-

blicos, através da Reforma Administrativa, e em sua política de extermínio dos povos indígenas e de destruição ambiental.

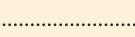
Por outro lado, apresenta como vitrine eleitoral o Auxílio Brasil de R\$ 400, com data para acabar em 2022, mas que, na verdade, vem ao custo do fim do auxílio-emergencial e do próprio Bolsa Família, além de 22 milhões de pessoas que dependiam do auxílio deixadas à míngua.

PEC DO CALOTE

Precatório alimentares prioritários
(idosos, deficientes, com limite de 180 salários mínimos)
R\$ 12 bilhões



Demais precatórios alimentares
R\$ 8 bilhões



Dívidas do Fundef/ Fundeb
R\$ 7,2 bilhões



Requisições de pequeno valor (RPVs) de até 60 salários mínimos e que devem ser pagas antes de qualquer precatório
R\$ 20 bilhões



LIMITE DA PEC DO CALOTE: R\$ 45 bilhões

TOTAL DAS DÍVIDAS: R\$ 89,1 bilhões

ELEIÇÕES 2022

Crise na burguesia e indefinição eleitoral

Enquanto Bolsonaro aluga o governo ao Centrão e tenta um lugar no Partido Liberal (PL) do mensaleiro Valdemar da Costa Neto, com vistos à reeleição; o PT e Lula aprofundam sua política de conciliação de classes e frente ampla com a burguesia. Ao mesmo tempo em que flerta com uma chapa com Geraldo Alckmin, Lula faz uma tour pela Europa com o objetivo de se mostrar confiável ao imperialismo, capaz de unificar o país e garantir estabilidade, enquanto eles continuam com o saque e rapina.

Parte majoritária da burguesia, porém, prossegue em sua busca da tão sonhada “terceira via”. Isso porque já abandonou a perspectiva de um novo mandato de Bolsonaro, fonte permanente de instabilidade. Por outro lado, embora o PT pareça mais confiável, e numa eventual disputa com Bolsonaro leve vantagem, o projeto da burguesia, hoje, é de um liberalismo ainda mais selvagem. Ou seja, seu plano é acelerar o processo de destruição e entrega do

país, sendo parte dele, como sócia-menor do imperialismo.

MORO: “SEGUNDA VIA” DO BOLSONARISMO

Nessa perspectiva, a última novidade foi o anúncio da candidatura de Sérgio Moro. Filiado ao Podemos, partido que tem 10 de seus 19 parlamentares envolvidos em casos de corrupção, Moro vai tentar encantar os votos dos que abandonaram o bolsonarismo e não querem a volta do PT. Mas, se o ex-juiz vinha sofrendo críticas em relação à falta de um programa e de um projeto político, para além de seu genérico (e hipócrita) discurso contra a corrupção, isso vem se delineando rapidamente.

Para guru da economia, Moro elegeu Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central (1983-85), durante a ditadura, e conhecido por defender o desmonte da CLT, a Reforma da Previdência, privatizações desenfreadas e que, mais recentemente, criticou o auxílio-emergencial dizendo que, em meio à maior crise econômica e social da história, ele foi concedido a quem



não “precisava”. Moro, enfim, é mais uma “segunda via do bolsonarismo”, sem as bravatas autoritárias do ex-chefe.

OUTROS CANDIDATOS A CANDIDATO NA “TERCEIRA VIA”

Por outro lado, o PSDB se engalfinha numa luta fraticida (entre “irmãos”) para definir seu candidato à presidência. Os governadores tucanos de São Paulo (João Dória) e do Rio

Grande do Sul (Eduardo Leite) disputam o posto em meio a uma série de acusações de compra de votos e fraudes. No momento em que fechávamos esta edição, as prévias do partido continuavam suspensas por conta de uma pane no aplicativo de votação. Mais um mico na já folclórica tradição de prévias conturbadas dos tucanos.

Soma-se ao time de candidatos a candidato da “terceira via” o atual presidente do Se-

nado, recém-filiado ao Partido Social Democrático (PSD), Rodrigo Pacheco, representante do Centrão, e um apagado Ciro Gomes (PDT), que chegou a ameaçar a retirar sua candidatura devido aos votos de seu partido à PEC do Calote de Bolsonaro. Uma indefinição e uma confusão que expressam a crise no andar de cima.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/310IZDX](https://bit.ly/310IZDX)

SAÍDA

Uma alternativa socialista e revolucionária para as lutas e as eleições

O “Fora Bolsonaro” é, hoje, a necessidade mais urgente e, para isso, é preciso ampliar as mobilizações e construir uma Greve Geral, como vem chamando a CSP-Conlutas.

As direções partidárias e do movimento, porém, se lançam num movimento inverso a isso. Com o PT à frente, seguram as mobilizações e buscam desgastar Bolsonaro eleitoralmente. E nem nisso são coerentes.

Os parlamentares do PT, por exemplo, votaram pela recondução ao cargo do Procurador Geral da República, Augusto Aras. O mesmo que, agora, mantém o relatório da CPI da Covid, realizada no

Senado, engavetado. As direções das grandes centrais, por sua vez, desmontaram o ato nacional no dia 15 e praticamente não jogaram peso nas manifestações do 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

Se Bolsonaro vem caindo nas pesquisas, definitivamente não é por culpa da oposição parlamentar. E, por isso, pode seguir com seu projeto autoritário adiante. É duplamente vergonhoso: desmobilizam e seguram as lutas, blindam o governo, enquanto constroem alternativas de conciliação e “unidade nacional” com a burguesia e figuras como Alckmin. E a direção do PSOL,

lamentavelmente, caminha nessa mesma perspectiva.

CONSTRUIR O POLO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

É preciso romper com esse imobilismo imposto pelas direções do movimento, retomar as lutas e manifestações de massa contra Bolsonaro para derrubá-lo agora. O “Fora Bolsonaro e Mourão” é urgente. E é para ontem: por emprego, salário, contra a carestia, pela volta do auxílio-emergencial de R\$ 600 (enquanto durar a crise) e contra o genocídio negro, indígena e a destruição do meio ambiente.



Além da retomada das mobilizações, é preciso construir uma alternativa de independência de classe, socialista e revolucionária, que coloque, no horizonte, a luta pelo socialismo e o fim de toda a exploração e opressão, e não à barbárie cada vez maior do capitalismo. O Polo Socialista e Revolucionário é a ferramenta para que possamos fortalecer essa alternativa revolucionária, nas lutas e nas eleições.

ENEM 2021

Racismo, elitismo e ameaças de interferência ideológica


**MANDI DO COELHO, DO REBELDIA,
JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

Tendo ocorrido no dia seguinte ao Dia da Consciência Negra, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2021 foi um dos mais brancos da História. Houve uma diminuição de 52% de estudantes “pretos” e “pardos” (usando os critérios do IBGE) que realizariam a prova. Este Enem também foi muito elitizado. Em agosto, o SEMESP (entidade que representa as empresas donas de instituições de ensino superior) identificou que houve uma redução de 77,4% nos inscritos com renda familiar até três salários mínimos.

A prova de domingo também foi a com menor participação de estudantes, desde 2005. Dado chocante, já que foi somente em 2004 que o Exame passou a valer como um mecanismo de entrada no ensino superior. Bolsonaro fez a participação retroceder quase ao nível da época em que a prova era apenas um indicador da qualidade do ensino médio.

CRISES E ESCÂNDALOS INTERFEREM NO EXAME

Além disso, poucos dias antes da realização da prova, o

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão que organiza o Enem, foi atravessado por um escândalo. 37 servidores, sendo 32 diretamente ligados à realização do Enem, pediram exoneração de seus cargos.

Mergulhados num cenário de assédio e tentativa de censura do conteúdo da prova por parte do governo, os servidores reclamavam da “fragilidade técnica e administrativa da atual gestão máxima do Inep”, ou seja, da incapacidade de Danilo Dupas, presidente de Inep, indicado pelo Ministro da Educação Milton Ribeiro e alinhado com Bolsonaro.

Os estudantes estavam muito angustiados com todo esse caos no Inep e, também, com a possibilidade de censura por parte de Bolsonaro que, por exemplo, havia pedido ao ministro Milton Ribeiro que, nas questões, o golpe ditatorial de 64 fosse chamado “Revolução de 64”. E ainda anunciou que o Enem estava ficando com a cara do governo.

Na prova de domingo tudo ocorreu bem e as questões da prova demonstraram que o governo não conseguiu interferir ideologicamente como gostaria. No entan-



**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3L8YUSV](https://bit.ly/3L8YUSV)**

to, a cada ano que passa, o Enem está mais sucateado e Bolsonaro é o responsável direto por isso.

A TRAGÉDIA SE REPETE, MAS SE APROFUNDADA

A situação atual é resultado de três anos de ataques ao Enem, ao próprio Inep e à educação pública como um todo. O primeiro Enem sob o governo Bolsonaro, em 2019, na época do então ministro Abraham Weintraub, já prenunciava o caos, tendo sido marcado pelo vazamento de questões, erros na correção da prova de seis mil candidatos, denúncias de favorecimento na licitação da escolha da gráfica que imprimiu a prova e a tentativa de implementar o projeto do ENEM Digital, que visa desmontar o Exame como ele é hoje.

A cruzada ideológica do governo também já era evidente. Bolsonaro montou uma comissão para avaliar as questões, contra um suposto uso do Exame para “doutrinação” através da “ideologia de gênero”, “marxismo cultural” etc. Desde então, já havia toda uma polêmica ao redor de questões sobre a ditadura militar. Não à toa, em todos os anos de seu governo, não houve uma só questão sobre o tema. E o banco de questões não tem sido renovado desde 2018.

A destruição do Inep também se prenunciava. Só enquanto Weintraub foi ministro (entre 2019 e 2020), o Instituto teve quatro presidentes diferentes. No Enem 2020, já sob o comando de Ribeiro, mais escândalos:

o presidente do Inep, em plena pandemia, quando faltava oxigênio em Manaus, disse que as cidades que não fizessem a prova ficariam de fora do Enem. Isso depois de um diretor do Inep morrer de Covid.

Tendo acontecido em meio à pandemia, o Exame do ano passado registrou o maior índice de abstenção em sua história e, também, foi marcado por uma declaração de Milton Ribeiro que afirmou que o Enem não existia para “corrigir desigualdades” e, ainda, culpou a mídia pela abstenção na prova.

Agora, em 2021, além de tentar escamotear as demissões e ameaças de censura, Ribeiro disse que a abstenção foi culpa dos professores que não voltaram à sala de aula.

NÃO DÁ MAIS

Chega de intromissão ideológica e desigualdade social na educação

A verdade é que o desmonte do Enem e do Inep faz parte do projeto geral de Bolsonaro para a Educação: privatização, retrocesso, obscurantismo e intromissão ideológica. Não é por acaso que, anos após anos, haja uma redução do número de estudantes negros, pobres e trabalhadores fazendo a prova e que a abstenção esteja aumentando.

A pandemia aprofundou absurdamente o fosso da

desigualdade na educação. A desigualdade social, evidentemente, já era um problema no país, muito antes da pandemia. Se uma parcela de estudantes pobres não teve acesso a um bom ensino, de forma remota, não é porque professores, em plena pandemia, não foram para as salas de aula difundir o vírus; mas, sim, porque o acesso que os filhos dos ricos e dos pobres têm à educação é

muito desigual. Um abismo que se alastrou com a dependência da tecnologia digital para ter acesso às aulas.

O Enem é em si um mecanismo que perpetua a vantagem de ricos sobre trabalhadores. É um filtro social e racial, como os vestibulares. Há uma contradição, contudo, sintetizada numa frase: “se é ruim com ele, pior sem ele”. Devemos lutar contra o projeto de Bolsonaro e defender o Enem, o Inep e a Educação. Mas, também, não podemos abandonar nos-



so norte, que é acabar com a educação capitalista como ela é hoje.

FRACASSO DA COP26

Lutar pelo socialismo para enfrentar a emergência climática

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

A 26ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), realizada em Glasgow, na Escócia, terminou como a ativista climática Greta Thunberg havia previsto: em muito “blá blá blá”, na “celebração de negócios” e em belos discursos que não puderam esconder o seu retumbante fracasso.

Foi mais um “fracasso anunciado” do capitalismo em relação a como deter o aquecimento global. Mais uma prova de que esse sistema não pode deter a crise que ele próprio provocou; o que coloca a necessidade de superá-lo e da construção de uma sociedade socialista para enfrentar a emergência climática.

ENTENDENDO O FRACASSO

Para entendermos isso é preciso lembrar que o objetivo da Conferência era aprovar medidas que possam garantir os objetivos do “Acordo de Paris”, assinado por 195 países, como resultado da COP21, em 2015: limitar o aumento da temperatura global abaixo de 2 graus Celsius, neste século, fazendo esforços para chegar, ao máximo, a um aumento de 1,5°.

Cientistas já avisaram que, caso a média da temperatura

da Terra aumente acima de 2° Celsius, os impactos serão catastróficos, causando a elevação do nível do mar e desastres naturais mais intensos e frequentes. Neste cenário, é bem provável que enfrentemos um colapso ambiental em cascata, à medida que os sistemas terrestres ultrapassem seus limites críticos.

Só para ficar em um exemplo, o aumento da temperatura acima de 2 graus pode causar o degelo do “permafrost”, um solo permanentemente congelado existente na Rússia, Alasca e Canadá, liberando uma quantidade imensa de carbono na atmosfera. Estima-se que o “permafrost” contenha o dobro do dióxido de carbono (CO2) presente na atmosfera!

Para impedir essa catástrofe (ou seja, que a temperatura suba além dos 2°), seria preciso impor rápidas e profundas reduções na emissão de carbono: de 45% até 2030 (em relação aos níveis de 2010) e emissão-zero, em 2050.

Isso exigiria uma total revolução da matriz energética, a começar pelo fechamento das minas de carvão, pela não abertura de novas plataformas de petróleo e gás (até 2030) e pelo interrompimento do uso de petróleo e gás, como combustíveis, até 2050. Tudo isto combinado com o desenvolvimento de fon-

tes limpas de energia, tal como a energia solar, eólica (captada com os ventos) e o hidrogênio verde (ou seja, produzido sem o uso de combustível fóssil).

Mas, o capitalismo é absolutamente incapaz de fazer essa transformação e a COP26 foi mais um capítulo desse fracasso.

A conferência sequer renovou as metas para 2030 (sim, essas que definiam limitar o aquecimento para 1,5 grau). A declaração final também foi modificada. No lugar de “eliminar gradualmente” o carvão, a redação final do documento fala em “reduzir gradualmente” uso deste combustível. A modificação do texto foi realizada por pressão da Índia, o terceiro maior emissor mundial de gases de efeito estufa (que provocam uma retenção “excessiva” de calor na atmosfera), depois da China e dos Estados Unidos. O país depende fortemente do carvão e seu uso vai aumentar nessa década.

TECNOLOGIAS A SERVIÇO DAS PETROLEIRAS

O enviado climático dos EUA, John Kerry, tentou salvar as aparências e argumentou que a tecnologia de captura e armazenamento de carbono poderia ser desenvolvida para reter as emissões na fonte e armazená-las no subsolo.



No entanto, a captura e armazenamento de carbono é uma proposta extremamente controversa para a ação climática. No momento, a maior parte dos projetos de sequestro de carbono tem como objetivo armazená-lo em formações geológicas sedimentares em profundidade. O governo da Noruega até criou a Gassnova, uma companhia estatal para armazenar carbono nas profundezas do Mar do Norte. O curioso é que quase todos esses projetos têm apoio e financiamento de petroleiras, como Chevron, BHP e Shell. Mas qual é o interesse das petroleiras no desenvolvimento dessas tecnologias? Além do óbvio interesse em continuar emitindo CO2,

há outro. Atualmente, 88% do sequestro de CO2 é usado pela indústria do petróleo para extraer mais petróleo.

O CO2 capturado, uma vez que é injetado em rochas sedimentares, pode ser usado para extraer os últimos depósitos de petróleo, em poços que já ultrapassaram o período de alta produtividade. Essa técnica é utilizada há décadas pela indústria de petróleo e gás dos EUA e estimase que seu uso pode resultar numa extração extra de 30% de petróleo. Ou seja, o desenvolvimento dessa tecnologia visa prolongar a era do combustível fóssil.

ECONOMIA VERDE

Lucrando com a catástrofe climática



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30Y12YB](https://bit.ly/30Y12YB)

Mas esses são apenas os fracassos mais visíveis da COP26, que também reiterou as velhas e surradas soluções da “economia verde”. Entre elas está o apoio ao mercado de “créditos de carbono”, que são ativos financeiros negociados nas bolsas de valores, que permitem aos poluidores emitir gases de efeito estufa a um custo menor, em relação às multas e sanções.

Outra “solução” aventureada por dezenas de “cartilhas”

que projetam a diminuição das emissões de CO2 é o incentivo aos biocombustíveis (produzidos através de matéria orgânica, a partir de produtos como cana-de-açúcar, milho, soja, semente de girassol, madeira e celulose). Mas, pensar que a produção de biocombustíveis é “sustentável” é um absurdo completo.

Basta olhar para as regiões do Brasil tomadas por enormes plantações de cana-de-açúcar usadas na produ-

ção do etanol que suprimiram (e continuam a suprir) florestas e biomas (regiões cujas características do meio ambiente são semelhantes) inteiros. O interior do estado de São Paulo é uma dessas regiões. A destruição da mata nativa e sua substituição por plantações de cana-de-açúcar foi um dos principais ingredientes para as tempestades de poeira que

atingiram várias cidades nos últimos meses.

ATIÇANDO CONFLITOS AGRÁRIOS

Além disso, o incentivo aos biocombustíveis aprofunda os métodos e a lógica da acumulação, aumentando a especulação de terras, a concentração fundiária, a expulsão e a violência contra camponeses, quilombolas e indígenas.

Essa é uma das razões que explicam porque nenhum governo deu atenção às reivindicações do povo guarani-kaiowá, no Mato Grosso do Sul. Seu território ancestral está tomado por “biocombustíveis” (cana-de-açúcar e soja até onde a vista alcança), enquanto eles continuam sendo exterminados por milícias de fazendeiros e suas pequenas aldeias (confinadas em verdadeiros “bantustões”, como eram

chamados os territórios negros segregados, durante o regime do apartheid, na África do Sul) são atacadas e incendiadas todos os meses. De 2003 a 2014, foram assassinados 335 indígenas somente nessa região do Brasil.

O apoio ao uso dos biocombustíveis dado pelos governos capitalistas é o prenúncio de mais e maiores conflitos agrários. Daí pode-se compreender a dimensão da luta contra o

“marco temporal” travada pelos povos indígenas do Brasil.

A tal da “economia verde” não vai deter o colapso ambiental em curso. É apenas uma nova frente de expansão do capital para que a burguesia siga acumulando na base do roubo, do saque e da morte.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30Y12YB](https://bit.ly/30Y12YB)**

PROMESSAS VAZIAS

Quase US\$ 6 trilhões de subsídio para a indústria de combustíveis fósseis

Na COP26, as principais instituições financeiras do mundo se comprometeram a investir US\$ 130 trilhões na transição para uma economia livre de carbono. Joe Biden alardeou que vai destinar US\$ 555 bilhões, ainda nesta década, para garantir a transição.

No entanto, todas essas promessas soam tão falsas quanto as de Bolsonaro, que se comprometeu em diminuir o desmatamento no Brasil,

particularmente na Amazônia. Sob Bolsonaro, a Amazônia vem atingindo os maiores índices de desmatamento desde 2006. Todos sabem que a floresta vai continuar sendo destruída em seu governo e não há motivo algum pra acreditar em suas promessas.

Mas, haveria algum motivo acreditarmos nas declarações de Biden e no “compromisso” assumido pelas instituições financeiras? De

nenhuma forma. Primeiro, enquanto prometem mundos e fundos, continuam gastando trilhões de dólares em subsídios para os combustíveis fósseis. De acordo com um relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), publicado no jornal britânico “The Guardian”, em 06/10/2021, estima-se que a indústria de combustíveis fósseis se beneficia com subsídios de US\$ 11 milhões a cada minuto. No to-



tal, as produções e queimas de carvão, petróleo e gás fo-

ram subsidiadas em US\$ 5,9 trilhões em 2020.

COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS BENEFICIADOS COM SUBSÍDIOS DE US\$ 5,9 TRILHÕES, EM 2020

SUBSÍDIOS EXPLÍCITOS (NOS PREÇOS) E IMPLÍCITOS (ATRAVÉS DA CONCESSÃO DE BENEFÍCIOS AMBIENTAIS, POLÍTICAS DE SAÚDE E IMPOSTOS). EM BILHÕES DE DÓLARES.



Esses subsídios trilionários formam o maior proble-

ma para o desenvolvimento de tecnologias para a produção e distribuição de energia limpa. Um relatório da Agência Internacional de Energia Renovável, publicado em 2020, rastreou cerca de US\$ 634 bilhões em subsídios ao setor de energia, somente naquele ano, e descobriu que cerca de 70% dos valores foram relativos a combustíveis fósseis. Apenas 20% foram para geração de energia renovável.

A velha matriz energética fóssil ainda é mais barata e lucrativa para o capital,

que vai explorá-la de maneira predatória até seu esgotamento. Em médio prazo, os investimentos em energia limpa apenas vão promover um “mix” energético; ou seja, uma diversidade de fontes e não a transição necessária para evitar o colapso ambiental. Seu desenvolvimento também servirá para que alguns países centrais do sistema possam obter alguma renda tecnológica, com a sua venda, tal como a indústria farmacêutica está fazendo, hoje, com as vacinas.

A URGÊNCIA DO SOCIALISMO

Além de ser um desfile de promessas falsas, a COP26 foi uma vitrine para o chamado “greenwashing” (ao pé da letra, “lavagem verde”, ou “maquiagem verde”, significando a prática usar falsas medidas de proteção do meio ambiente para tentar melhorar a imagem de um país ou de uma empresa), ou o “marketing verde”, realizado por muitas empresas que tentam nos convencer (e também nos corromper) de que o capitalismo é sustentável.

Querem nos enganar e dizer que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Apenas a construção de uma sociedade socialista, pautada no planejamento democrático da economia, pode reestabelecer o equilíbrio metabólico (ou seja, nas relações e “troca de energia”) entre seres humanos e a natureza, desenvolver novas matrizes energéticas e promover uma revolução das forças produtivas. Ou a humanidade acaba com o capitalismo ou o capitalismo irá acabar com a humanidade.

NICARÁGUA

Dianete da farsa eleitoral, resta organizar a rebelião contra a ditadura



PARTIDO DOS TRABALHADORES DA COSTA RICA (PT LIT-QI); PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES DE HONDURAS (PST LIT-QI); E PLATAFORMA DA CLASSE TRABALHADORA DE EL SALVADOR (PCT LIT-QI)

Em 7 de novembro, o povo da Nicarágua viu se desenrolar uma grande farsa eleitoral pela ditadura nas mãos da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), com Daniel Ortega e Rosario Murillo à frente, sem independência do poder eleitoral, sem observadores internacionais e imprensa independentes e, sobretudo, sem oposição, já que nessa ocasião a ditadura se encarregou de prender todos os principais políticos da oposição que permanecem no país.

O Conselho Supremo Eleitoral da ditadura anunciou a vitória de Ortega com o apoio de 75,92% dos votos, e com uma participação acima de 65% do padrão eleitoral. Mas esses dados foram contestados por organizações independentes, que realizam monitoramento em todo o país, que relatam abstenções de até 80% do eleitorado, o que mostra um alto grau de crise política nos dias de hoje.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DQYWV7](https://bit.ly/3DQYWV7)

Com o resultado, Ortega foi eleito pela quarta vez consecutiva desde 2007, em um processo eleitoral que controla integralmen-

te desde 2012. Com as eleições, a ditadura buscou se legitimar no poder, após o terremoto popular que enfrentou em 2018, quando a

juventude e o povo se rebelaram contra o regime, processo que foi reprimido de forma sangrenta, deixando mais de 350 mortos

nas primeiras semanas de mobilizações e depois culminando em centenas de milhares de exilados e presos políticos.

DITADURA SERVE AOS EUA



A defesa de um falso anti-imperialismo da FSLN

Após as eleições, vozes de todo o mundo condenaram a ditadura orteguista e a prisão dos candidatos. Em resposta à condenação internacional, “intelectuais” stalinistas e defensores do castro-chavismo saíram em defesa da “Revolução Sandinista” e da soberania da Nicarágua, afirmado que o processo eleitoral foi limpo e puro, e os questionamentos se devem a uma campanha do imperialismo que quer apoderar-se da riqueza da Nicarágua.

TRATADO DE LIVRE COMÉRCIO

Mas Ortega não tem nada de “anti-imperialista”, além de seus discursos. Desde que chegou ao poder, não deixou de submeter a soberania e a economia do país aos desígnios do imperialismo estadunidense, privilegiando o capital transnacional e se submetendo como servidor da política migratória na mesma medida que os demais governos da América Central. O que existe na Nicarágua é

uma ditadura capitalista a serviço dos interesses do imperialismo norte-americano.

De acordo com o site oficial da Câmara Americana de Comércio da Nicarágua (Amcham Nicarágua), desde 2006, quando o TLC com os Estados Unidos entrou em vigor, até 2019, as exportações de bens e mercadorias aumentaram 137%; em setores específicos como o têxtil, houve um aumento das exportações da Nicarágua para os EUA de 103%.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DQYWW7](https://bit.ly/3DQYWW7)

Da mesma forma, entre os anos 2007-2019, o investimento estrangeiro direto dos EUA atingiu cifras históricas, com a quantia de US\$ 3,503 bilhões.

Durante o governo sandinista, o saque do país aumentou com a implementação dos benefícios fiscais do Regime de Zonas Francas, que hoje atingem cerca de 212 empresas que representam 60% das exportações do TLC com os EUA.

REPRESSÃO AOS IMIGRANTES

A Nicarágua tem estado a serviço da política de imigração dos EUA para a região centro-americana, de modo que representan-

tes do governo participaram de reuniões com Anthony Blinken, secretário de Estado dos Estados Unidos, após sua visita à Costa Rica em maio de 2021 com o objetivo de abordar as questões migratórias. Desde então, a fronteira sul da Nicarágua tornou-se um pesadelo para as ondas migratórias, com uma repressão especial aos migrantes cubanos e venezuelanos.

A relação das Forças Armadas com os EUA se aprofundou nos últimos anos, razão pela qual a Nicarágua recebe permanentemente tropas da Guarda Costeira ianques, que fazem parte do serviço militar do país e realizam incursões em todos os

portos e no território continental, no âmbito das tarefas de “cooperação em segurança” e serviços comunitários.

DÍVIDA EXTERNA

Por fim, a ditadura mantém uma enorme dependência da dívida dos organismos financeiros internacionais e faz um esforço permanente para pagá-la à custa das condições de vida das grandes maiorias empobrecidas da Nicarágua. Em agosto de 2021, a dívida pública da Nicarágua atingiu o montante de US\$ 7,142 bilhões, o que equivale a 56,6% do PIB.

Segundo dados do Banco Central da Nicarágua até junho de 2021, o pagamento do serviço da dívida externa



pública foi de US\$ 183,9 milhões de dólares, dos quais US\$ 160,7 milhões corresponderam a pagamentos de obrigações com credores multilaterais, principalmente o Banco Centro-Americano de Integração Econômica (91,8 milhões), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (43,8 milhões) e o Banco Mundial (11,7 milhões).

Devemos combater qualquer posição que defenda a ditadura da FSLN como anti-imperialista, mostrando que a realidade econômica e política do país revela, que ao contrário, é política desse governo aprofundar os laços com o imperialismo.

DERRUBAR DITADURA

Insurreição e autodefesa: essa deve ser a saída da classe trabalhadora contra a ditadura.

Como fizeram nossos povos na década de 1980, deve ser tarefa dos trabalhadores, camponeses e estudantes tirar o poder dos governos ditatoriais que colocaram nossos países a serviço do im-

perialismo norte-americano.

Para isso, é preciso construir uma organização socialista e revolucionária que unifique esforços, tanto dentro como fora da Nicarágua, para organizar uma nova rebeldia que enfrente a ditadura com os métodos de bloqueios de estradas e mobilização popular de 2018, mas que prepare os métodos de autodefesa adequados para resistir e enfrentar a repressão da ditadura.

Com o fim da ditadura, o povo mobilizado deve tomar o futuro da Nicarágua em suas próprias mãos, considerando as tarefas urgentes que garantam a democracia e as liberdades políticas e sindicais plenas, mas também iniciar as tarefas de organizar uma nova sociedade socialista, onde as riquezas produzidas pelo povo fiquem com ele, e não nas mãos dos pequenos grupos patronais, e com isso garantir emprego, moradia, saúde e educação ao povo que tanto precisa.

TOURO DA BOLSA

Símbolo da crise social brasileira

Um touro feito com fibra de vidro e dourado foi instalado na rua 15 de Novembro, no centro histórico de São Paulo. A estrutura está na frente do edifício-sede da Bolsa de Valores, tem três metros de altura e pesa uma tonelada. Trata-se de uma imitação, barata e brega, do famoso touro dourado de Wall Street, Nova York, a avenida símbolo do capital financeiro dos Estados Unidos.

A cazonagem provocadora foi uma iniciativa de Pablo Spyer, sócio da corretora XP. Ele é defensor de Bolsonaro (só podia ser!) e apresenta um programa estúpido na Joven Pan, uma emissora de rádio bolsona-

rista. A estrutura foi instalada sem autorização da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da prefeitura de São Paulo. Se não fossem ricos, a ação seria considerada vandalismo. Mas, ao contrário do que Spyer pre-

tendia, a escultura se tornou um monumento à imensa miséria e à desigualdade social que foram ampliadas durante a crise da pandemia.

Imediatamente, a estátua foi tomada pela população como



uma provocação aos milhões que passam fome e estão sem trabalho e moradia. Sensação intensificada por uma razão bem simples: em torno do touro da Bolsa, há dezenas de barracas de camping coloridas e abrigos de papelão, ocupados por famílias sem moradia.

Não por acaso, o touro tem sido alvo de manifestações. A primeira delas cobriu a escultura com frases de protesto contra a fome. Outra, promoveu um churrasco para os moradores de rua que dormem próximos ao monumento.

O Brasil de Bolsonaro e Spyer é aquele onde 1% da população mais rica detém quase a metade de toda a riqueza do

país, segundo o Relatório da Riqueza Global de 2021, elaborado pelo Banco Credit Suisse. Nesse país, apenas 388 empresas detêm, juntas, R\$ 5,5 trilhões, mais de 70% do Produto Interno Bruto (PIB).

Já os proprietários das grandes empresas (aqueles com mais de mil funcionários) somam apenas 0,1% da população. Ou seja, pouco menos de 4 mil, num universo de 212 milhões de brasileiros. Entre eles estão os donos da XP, que faturaram muito alto durante a pandemia. Capitalismo é isso. Não basta levar o país à desgraça e à miséria. Também é preciso ostentar. E com perversidade.

OLAVO DE CARVALHO

Astrológo e guru bolsonarista foge do país após intimidação da PF



O astrólogo Olavo de Carvalho, guru dos Bolsonaros, voltou rapidinho para os Estados Unidos, no último dia 16, após passar três meses em tratamento no Brasil. Segundo o próprio, ele saiu em um “voo repentina”. “Como eu vim parar aqui? Quando eu estava no hospital me ofereceram um voo repentina, que partia em 15 minutos, e eu aceitei”, disse Olavo.

O astrólogo não escondeu que saiu correndo do país para

fugir de investigação aberta pela Promotoria de Justiça de Direitos Humanos do Ministério Público de São Paulo (MP-SP) sobre as condições de sua internação, no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (InCor), em São Paulo. “As autoridades ficaram esperando para talvez me convocar. Não ia ficar esperando me convocarem”, declarou.

Na verdade, ele deu no pé depois de ter sido intimado pela Polícia Federal (PF) a prestar depoimento no inquérito que investiga a existência de uma milícia digital que atua contra a democracia e as instituições. Evidências apontam que Olavo de Carvalho pode ter embarcado, em São Paulo, em uma aeronave da FAB, que foi utilizada pelo ministro Fábio Faria, das Comunicações, para ir aos Estados Unidos.

ATAQUE

Indígenas maranhenses são atacados e presos pela Polícia Militar

O povo Akroá Gamella, da Terra Indígena (TI) Taquaritua (MA), foi atacado por policiais militares e jagunços, na tarde desta quarta-feira (17), após a chegada de funcionários de uma empresa de energia elétrica, a Equatorial Energia, no território. Há anos essa empresa tenta, sem qualquer consulta e respeito aos indígenas, instalar postes e linhões dentro da TI Taquaritua, área

que, desde 2014, enfrenta um moroso processo de demarcação pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

Na tarde desta quinta-feira (18), policiais militares compareceram à aldeia Cajueiro, na TI Taquaritua, e levaram, à força, lideranças para a delegacia. “Levaram celulares e câmeras. Agora à tarde [18 de novembro], usaram bala normal [arma de fogo], spray de pimenta, bala de

borracha. Eles [policiais] estão ameaçando todo mundo, tanto homem quanto mulher”, disse uma das lideranças.

A Polícia Militar do Maranhão, sem mandado, levou 16 indígenas Akroá Gamella, que foram detidos em uma unidade prisional de Vitória do Mearim. Dentre eles, há um adolescente menor de idade e três mulheres, sendo que uma delas é uma mãe em período

de amamentação.

Frente às ilegalidades cometidas, o Povo Akroá Gamella interditou a rodovia MA 014, como forma de protesto. Em resposta, a PM pediu reforços para o policiamento de Matinha e Pinheiro (municípios vizinhos) e, em uma tentativa de desbloquear a estrada, atiraram com armas de fogo, balas de efeito moral e gás de pimenta. Além disso, os policiais intimi-

daram os indígenas, ameaçando invadir suas aldeias.



CINEMA

Marighella: um filme sobre o passado que diz muito sobre o presente

WILSON H. SILVA,
DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO DO PSTU

Sempre que falamos de cinema, é bom lembrar um “princípio” básico da “estética marxista” (ou seja, do estudo sobre as artes baseado na teoria do materialismo histórico): filmes, mesmo quando se debruçam sobre “fatos reais”, nunca podem ser vistos como “documentos históricos” ou retratos fiéis de uma determinada realidade. Eles são, muito mais, “documentos” da época em que são produzidos.

São obras de ficção e expressões da criatividade humana, cujo resultado mescla questões do “aqui e agora”, que vão da subjetividade, referências e ideologia de quem os produzem (diretores, roteiristas, patrocinadores etc.) até pressões do mercado e reflexos distorcidos daquilo que se passa na luta de classes. Por isso, são interessantes para pensar o presente, que, como sabemos, também molda o nosso olhar sobre o passado.

UM SÍMBOLO CONTRA AS DITADURAS

O filme dirigido por Moura é exemplar. Primeiro, porque boa parte das polêmicas até mesmo do prestígio do filme se relacionam ao presente e à verdadeira saga que tem marcado sua trajetória, desde que estreou no Festival de Berlim, em 2019, até chegar às telas brasileiras, somente este ano, muito em função dos embates com o autoritarismo reacionário do governo Bolsonaro.

Como também é evidente que o simples resgate de Marighella, centrando particularmente no período pós-golpe de 1964, está sintonizado não só com a oposição aos atuais delírios ditoriais de Bolsonaro, mas também com a leitura que um setor da esquerda faz de sua chegada ao poder. Da mesma forma que é impossível não mencionar que a escolha de um ator negro é um reflexo da luta, cada vez mais intensa, contra o “embranquecimento” que marca tanto nossa História quanto nosso cinema.

Mas, se estas escolhas fazem parte dos méritos e qualidades do filme, outras tantas contribuíram para que as contradições e complexidade de alguém como Marighella fossem diluídas numa narrativa que, muitas vezes, aproxima mais de um herói trágico e mítico do que do dirigente político que foi.

UMA REAÇÃO AO “TERRORISMO DE ESTADO”

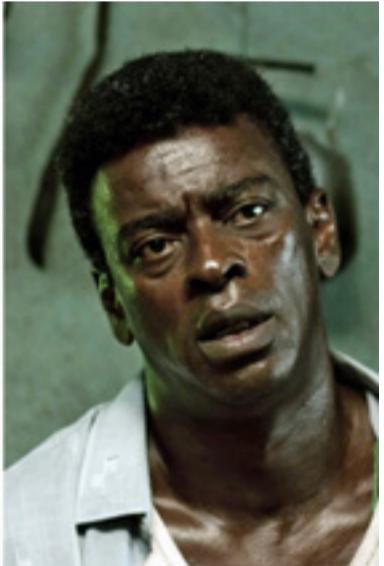
Há, contudo, muito de insólito na proposta de Moura. Considerando os minutos iniciais do filme, não é pouco importante que, de cara, o diretor deixe evidente que sua obra “tem um lado”. Letreiros sobrepostos às cenas da época revelam a violência e brutalidade do regime militar, denunciam a cumplicidade ativa de empresários, da imprensa e dos Estados Unidos (cuja presença é constante no decorrer do filme) e nos lembram que a resistência, apesar de ter envolvido vários setores da sociedade, teve, num primeiro momento, os estudantes na linha de frente.

E é, aí, que Moura introduz o que parece ser a “tese” que quer defender através do filme: aqueles foram 21 anos em que os militares e seus aliados decidiram tratar o povo como inimigo, instaurando uma forma cruel, covarde e “suja” de “terrorismo de Estado”, o que praticamente empurrou muitos à luta armada. E se isto fez de Marighella o “inimigo público número 1” do regime, Moura quer nos fazer lembrar que também o transformou em inspiração para toda uma geração.

UM MARIGHELLA UM TANTO UNIDIMENSIONAL

Um dos problemas do filme é que, ao iniciar como cenas “reais”, o público pode ser levado ao equívoco de que o que se segue é, de fato, a realidade. Algo, inclusive, que seria uma injustiça com o próprio Marighella que fica um tanto “aprisionado” no figurino de um “herói trágico”, o que faz com que surja como um personagem sem muitas das complexas dimensões do líder da ALN.

Algo acentuado por outra escolha “questionável”: contar a história embalada num gênero feito sob medida para “seduzir” o público, um filme de “ação”. O resultado é o apelo exaustivo à “câmera na mão” e às cenas de perseguição e tiroteios e do suspense dramático entrecortado por diálogos que, também, muitas vezes surgem



como “frases de efeito” pronunciadas como se os personagens estivessem num carro de som ou num palanque.

VER, PARA LEMBRAR E NÃO



DEIXAR QUE SE REPITA

Seja como for, “Marighella” se transformou num filme “obrigatório”. Não só porque assisti-lo acabou vi-

rando um símbolo de rebeldia contra as investidas autoritárias de Bolsonaro. Problemas à parte, o filme pode, sim, investigar a curiosidade sobre o período e, acima de tudo, como ponto de partida para que pesquise e estude tanto a ditadura quanto a resistência a ela.

Por fim, não há como não mencionar a excepcional trilha sonora. Toda ela do “aqui e agora”, a começar pela genial inclusão, logo no começo, de “Monólogo ao pé do ouvido/Banditismo por uma questão de classe” (Chico Science, Nação Zumbi e Sepultura) que, ainda por cima, coloca Marighella dentre tantos e tantas outros que deram suas vidas pelo povo, como Zapata, Antonio Conselheiro, Zumbi, Luiza Mahin etc. Um lugar que ele merece.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/32YBODG](https://bit.ly/32YBODG)**

